

# O DIÁLOGO COMO MEDIAÇÃO DAS DIFERENÇAS

## Dialogue as mediation of differences

*Marcos Flávio Portela Veras \**

**Resumo:** Este texto apresenta um exercício de reflexão entre os limites e possibilidades de relacionar o cristianismo e os aportes das ciências sociais. Levando em conta o caráter mais dogmático da mensagem cristã e o relativismo inerente do referido campo das ciências, perceber até que podem existir de forma concomitante, com trocas, cruzamento de perspectivas. É utilizado o recurso metodológico autobiográfico enfocando o trânsito do autor, ora como pastor protestante, ora como professor e pesquisador de antropologia social, bem como aportes teórico-metodológicos pertinentes para pensar a temática. Conclui-se que a partir da própria perspectiva dialógica, entendida mais recentemente como caminho de mediação das diferenças, é possível pensar a emergência de novas abordagens e percepções de aplicação teológica em contextos específicos de atuação da igreja.

**Palavras-chave:** Diálogo, Cristianismo, Ciências Sociais.

**Abstract:** This text presents an exercise of reflection between the limits and possibilities of relating Christianity and the contributions of the social sciences. Taking into account the more dogmatic character of the Christian message and the inherent relativism of the referred field of sciences, to realize that they can exist concomitantly, with exchanges, crossing of perspectives. The autobiographical methodological resource is used, focusing on the author's transit, sometimes as a Protestant pastor, sometimes as a professor and researcher of social anthropology, as well as relevant theoretical-methodological contributions to think about the theme. It is concluded that from the dialogical perspective itself, understood more recently as a way of mediating differences, it is possible to think about the emergence of new approaches and perceptions of theological application in specific contexts of church action.

**Keywords:** Dialogue, Christianity, Social Sciences.

\* Doutor em Antropologia Social (2019). Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil desde 2004, tendo desenvolvido entre 2004 e 2011 atividade religiosa em agrupamentos indígenas no baixo rio Negro, Amazonas, Brasil. Docente da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA, onde também ocupa as seguintes funções: Coordenador Acadêmico do Núcleo de Estudos sobre Culturas e Etnodesenvolvimento (NECE) e do Grupo de Pesquisa "Diálogos Interculturais". Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia, etnicidade, política, socioespacialidades, teologia, identidades e religiosidades. E-mail: [marcos.veras@unievangelica.edu.br](mailto:marcos.veras@unievangelica.edu.br).

## Introdução

*“O diálogo ‘cria um mundo’ ou, pelo menos, ‘uma compreensão de diferenças entre dois mundos’ e parece aproximar pessoas que estavam distanciadas”.*

Vicent Crapanzano

Certa vez, visitando um dos grandes centros de formação teológica de minha denominação para reencontrar um colega de ministério conterrâneo, fui abordado por um dos professores que queria saber a razão de minha presença, tendo em vista que não era aluno. Quando mencionei ao professor que estava concluindo um doutorado em antropologia social, ele reagiu dizendo que minha formação em nada acrescentaria para missão da igreja.

O exercício epistemológico de se apropriar dos conhecimentos científicos sociais e humanos podem produzir resistência em ambientes mais conservadores e fundamentalistas. O fato de tais conhecimentos terem emergido num contexto de predominância intelectual cristã impositiva, naturalmente criou um forte discurso de emancipação, subjetividade e protagonismo do ser humano na produção do conhecimento. A descrição e análise dos processos de colonização “legitimados” pela religião manifesta realmente um discurso crítico e questionador em relação a igreja. Contudo, as abordagens das ciências sociais podem ser úteis para elucidar questões importantes em sua caminhada.

Historicamente as diferenças são marcadores de aproximações ou distanciamentos nas relações humanas. E a necessidade de criar mecanismos de convivência sempre foram oportunos para evitar que a incapacidade de ver pontos de contato gerasse conflitos e guerras. Ser diferente nem sempre é um obstáculo na construção de relacionamentos e compartilhamento de saberes. A abordagem antropológica torna-se pertinente para promover mediações necessárias. Logo, uma apropriação bem-sucedida de seus aportes teórico-

metodológicos pode ser um importante caminho para a igreja abordar alguns de seus desafios.

Minha intenção é problematizar possíveis contribuições do campo da antropologia para levantar reflexões pertinentes e necessárias para a caminhada da igreja. Isso é possível? Numa aproximação superficial e permeada de preconceito talvez não seja, mas seguindo o princípio bíblico de observar tudo e reter o que é bom, pode surpreender o cristão mais resistente, abrindo trilhas de acesso a mundos ainda não explorados.

Com isso, abordo inicialmente a necessidade da desconstrução do estereótipo pejorativo que as ciências sociais assumiram no âmbito do protestantismo. Isso tem sido responsável por um grande abismo entre cientistas sociais e o discurso mais conservador e fundamentalista da igreja. Em seguida aponto o diálogo como importante instrumento nesse processo de mediação entre o discurso cristão de direita e conservador e a ênfase de esquerda revolucionária, ambos com reações de fortes embates ao pensamento contrário. Por fim, abordo uma questão polêmica na relação igreja e o referido campo das ciências que é a atuação missionária e em grupos indígenas no Brasil e possíveis estratégias de abordagens que podem ser úteis e eficientes sempre pensando num debate respeitoso de ideias e a possibilidade de existência do *outro*.

### **Ciências sociais e a igreja**

É inegável que as ciências sociais tenham surgido para dar protagonismo à racionalidade humana e ser um contraponto à hegemonia do pensamento cristão no ocidente. Contextualizando sua emergência no séc. XVIII, quando Foucault (2014) atribui o surgimento do estudo do homem no campo científico, há uma clara ruptura com um discurso mais teológico e a vigilância epistemológica da igreja. Foi nesse contexto que surgiram, sem a preocupação

com dogmas previamente estabelecidos e utilizados para legitimar mecanismos de dominação e colonização.

Isso cria um fundo histórico de abismo entre ciências sociais e a igreja cristã, onde tanto cientistas sociais, como teólogos não conseguem perceber pontos de contato. Tendo feito a graduação em teologia e toda a pós-graduação em antropologia – umas das subáreas das ciências sociais – posso afirmar que encontro em minha própria trajetória acadêmica essa interface aparentemente contraditória. Em Veras (2021) pude demonstrar um pouco de como os direitos indígenas promoveram esse movimento da teologia à antropologia. Uma virada epistemológica que resultou num fluxo contínuo de reflexões, possibilidades e reconstruções, onde o teólogo não deixou de existir, mas foi convidado a ter outros olhares e perspectivas.

Ao me apresentar certa vez como pastor em uma aula de antropologia, o professor me olhou com atitude de estranhamento alegando dificilmente conseguiria conciliar a postura universalista do cristianismo com o relativismo inerente da abordagem antropológica. A percepção do professor de teologia que menciono no início desse capítulo menciona o exato oposto. E com isso os cientistas sociais cristãos ficam condenados a uma permanente liminaridade, apropriando-me de Victor Turner (2008) aplicado aos processos rituais, haja visto que não são vistos sem resistência nem pelas ciências sociais, nem pela igreja.

Apesar do contexto histórico apontar para esse distanciamento, desde os primeiros contatos com as ciências sociais na graduação, percebi que era possível e enriquecedor promover apropriações. Os pesquisadores da referida área sempre envidaram esforços para tentar entender o fenômeno religioso, haja visto que esteja presente em praticamente todos os agrupamentos humanos, como menciona Peter Berger em sua obra “O dossel sagrado” (BERGER, 1985). Da mesma forma, o estudo das conjunturas históricas e sociais que

cercam os tempos bíblicos e contemporâneos sempre permeou o exercício teológico cristão. Para a teologia bíblica esta compreensão é imprescindível na sua tarefa de contextualização e aplicação do sentido bíblico.

A resistência por apropriações advém, sobretudo, por uma compreensão sociológica da religião como mecanismo de alienação, de manipulações de ideias que legitimem e reproduzam poderes e sistemas político e econômicos constituídos. Por outro lado, por uma teologia dogmática indisposta a aplicar seus princípios a novos contextos sócio-históricos com o receio de negociar sua essência. A tendência mais recente de ênfase na liberdade, individualidade, subjetividade e relativismo assusta os apologetas cristãos, um cenário onde não se pode mais defender princípios absolutos.

Atuo como docente de instituição confessional cristã em uma disciplina que propõe a reflexão dos seus valores éticos. Alguns alunos têm dificuldade de aceitar a escolha de uma cosmovisão específica para explorar temas importantes da formação profissional como a ética, o trabalho, direitos humanos, espiritualidade. Isso se dá especialmente pela postura contemporânea de não se ter objetivos e valores claros para viver, de não se ter referenciais bem definidos. Isso é o que atesta Zohar e Marshall (2012), autores do conceito de Inteligência espiritual, responsável pelo estabelecimento de valores e decisões sobre que caminho é mais adequado seguir.

Essa experiência tem sido uma oportunidade interessante de pôr em prática essa reflexão da interface ou pontos de contato em ciências sociais e cristianismo, uma vez que estou conduzindo discussões num ambiente acadêmico que deve promover abertura para os alunos participarem ativamente. Logo, se por um lado deve haver a habilidade de entender seus lugares de fala, respeitando seus posicionamentos, por outro devo-me colocar no debate levantando a questão do esvaziamento crescente de valores, o que tem

resultado, de acordo com Gubert (2019) em indivíduos ansiosos, sem perspectivas, sem esperança.

A ideia aqui é perceber que as ciências sociais e seus aportes teórico-metodológicos podem ser apropriados pela igreja cristã contemporânea, mas que isso passa por revisões dos estereótipos que foram criados. E para isso a participação de cientistas sociais cristãos pode e deve ser fundamental. Na academia no período de formação era visto por alguns pares como alguém que precisa se ter uma certa vigilância, pela trajetória religiosa, por possíveis interesses que não se associam aos seus. Na igreja como alguém explorando territórios perigosos, onde nunca ia encontrar reconhecimento ou valorização, muito menos contribuições para a sua atuação.

Já existiram e haverão de surgir cientistas sociais relevantes e que eram cristãos, que não renunciaram a sua fé. Iniciativas para reunir estes cristãos promovendo seminários, debates, discussões e trocas podem ser bons instrumentos na produção de reflexões relevantes sobre questões atuais. Muitos tem trilhado o caminho mais cômodo de fuga do enfrentamento da questão, vivendo a dicotomia entre fé e ciência, como se não fosse uma riqueza e uma possibilidade de escrever novos capítulos na história dessa relação aparentemente contraditória.

Minha inserção nas ciências sociais se deu sobre uma das iniciativas que podem ser muito efetivas nesse processo. Mesmo cercada de polêmica no âmbito da academia, por ter sido criado com o objetivo de ser um espaço que abrigasse missionários, pastores, líderes cristãos, o curso de Pós-Graduação em Antropologia Intercultural foi lançado em 2010 e já contribuiu na formação de 115 pessoas interessadas nesta relação entre ciências sociais e igreja. Desenvolvida com todo o rigor metodológico deste campo de conhecimento, contribui para que cristãos, que tem comumente os postulados de sua fé

questionados em contextos acadêmicos, possam pensar e se manifestar sem o receio de serem alvo de preconceito e intolerância.

À medida que mais cristãos tem acesso ao conhecimento sem, no entanto, terem que renunciar a sua fé, vai se criando uma massa crítica que não pode ser rotulada de ilegítima. Novos conhecimentos devem ser construídos, mesmo que alguns contrapontos venham a existir no âmbito da própria área onde tais pesquisadores estão inseridos. A ciência foi se construindo e reconstruindo a partir pesquisas, descobertas, abordagens que elucidassem fenômenos experimentados no cotidiano. Se levarmos em consideração que os cristãos permanecem com sua fé, mesmo após a formação na referida área, não poderia ser considerado estranho que a partir de suas subjetividades surjam outros olhares, outras perspectivas.

Ao final do referido curso, inédito até então no Brasil, os alunos escreveram um manifesto que foi intitulada “Declaração de Manaus” onde se expressa o desejo da criação de espaços de diálogo, abertura para um trânsito sem indisposições mútuas no âmbito da academia. Segue um trecho:

Entendemos que o valor desta pós-graduação vai muitíssimo além de um título acadêmico, mas objetiva a aproximação entre o conhecimento científico antropológico e as ações sociais e missionárias. Reconhecemos o inestimável valor da Antropologia na relação entre culturas, nos processos de troca e na compreensão dos fatos sociais e que a prática antropológica nos ajuda a aproximar sem intimidar, dialogar sem impor e intervir sem agredir (LIDÓRIO, 2011, p. 158).

Já foi considerado no meio cristão, especialmente protestante, um exercício muito claro de esvaziamento dos valores cristãos o simples fato de ler autores que questionam a atuação da igreja na história, ao ponto de usar uma estética provocativa e acusatória. Um movimento mais recente no seio da igreja, longe de ser consensual, atrai o interesse para as ciências sociais e abre a possibilidade para pensar o contexto de atuação da igreja numa perspectiva política, social e cultural.

## **Embates violentos ou debate de ideias?**

Dentro dessa estratégia de expor os cristãos às ciências sociais sem ideias preconcebidas negativas, quero mencionar uma postura que é imprescindível nesse processo. Como em todo movimento em direção ao *outro*, ao desconhecido, é necessário abertura, disposição de aprender, de ler e refletir aportes que não sejam tão convergentes com a fé cristã.

Nesse processo, a postura dialógica se constitui o caminho mais oportuno. O aprendizado e a construção de algo novo quase sempre se inicia com a desconstrução, com a disposição de conceber outras formas de existência. A experiência da diversidade não pode ser indício de algo que devo destruir para impor o que penso. Mas após tantos acontecimentos desastrosos que revelam o ódio pelas diferenças, ainda é possível ver a humanidade reproduzindo pensamentos e comportamentos que não levam em consideração o direito de todos os seres humanos à dignidade.

Hoje presenciamos no país o fenômeno da polarização política. Os setores mais conservadores da sociedade se posicionam como a direita, contendo em sua pauta os valores da família tradicional, contra o aborto e as políticas em torno das questões de gênero. Estariam associados a uma posição religiosa cristã, relacionando claramente o cristianismo com o neoliberalismo inerente dessa posição política. Já os mais progressistas se posicionam com a esquerda, com forte abertura para rever alguns conceitos tradicionais, bem como estão associados a uma postura anticristã, rotulados como comunistas que lutam pelo enfraquecimento da igreja e seus valores.

Minha preocupação com essa polarização é que você perde o direito de pensar diferente. Numa democracia, os cidadãos devem analisar ideias, ter autonomia para tomar decisões de forma crítica, escolher o caminho que lhe parece mais adequado e coerente. Logo, se a sua posição não se encaixa totalmente no discurso da direita, automaticamente você é descrito como



comunista e anticristão. E o maior problema é que não há espaço para o diálogo, é um cenário permeado por embates violentos, ataques ofensivos nas redes sociais. E o maior preocupante, é cada vez mais consensual que esta é a forma mais adequada de combater o contrário, com a hostilidade de palavras depreciativas, que desqualificam a capacidade intelectual.

Isso não está desassociado do primeiro tópico desse capítulo, onde mencionei a necessidade de aproximações, de quebra de estereótipos previamente construídos e todo o histórico de debates entre ciências sociais e igreja. É possível, nesse ponto, relacionar as ciências sociais com o discurso de esquerda, onde termos como emancipação, tomada de consciência, lugar de fala, protagonismo histórico são associados a indivíduos com uma ideologia que não converge com os princípios e o propósito do cristianismo. Por sua parte, a igreja como uma parcela da população manipulada por discursos religiosos que visam não somente ensinar o cristianismo, mas que por trás apresentam uma ideologia de cunho neoliberal ignorando lutas históricas de populações ou minorias estigmatizadas, bem como legitimando poderes constituídos e suas intervenções.

Em um texto muito lúcido e coerente, mas que causou reação nos redutos mais fechados<sup>1</sup> do protestantismo, o antropólogo e missionário cristão Ronaldo Lidório (2017) menciona que mensagem cristã não é de direita e nem de esquerda, mas de Cristo. Com isso, de maneira muito apropriada, ele está expressando que o cristão deve ter a capacidade de pensar o mundo em que vive sob o olhar do cristianismo sem necessariamente apoiar partidos ou ideologias políticas que jamais serão ou refletirão plenamente seus ensinamentos.

---

<sup>1</sup> Para evitar termos como fundamentalistas que podem apontar para diferentes sentidos, dependendo de como se entende tal palavra, prefiro com a ideia fechamento expressar a ideia já mencionada no tópico anterior de indisposição para extrair de leituras mais críticas dessa polarização política, um sentido da mensagem cristã que não necessariamente deva se encaixar como direita ou esquerda. Para isso a necessária abertura para refletir as conjunturas e fazer contextualizações sobre a realidade contemporânea.

Minha questão aqui não é de os cristãos se eximirem de posicionamentos políticos, mas de não serem obrigados a pensar como os líderes de grandes denominações, influenciadores de milhares de pessoas, que seguindo sem reflexão crítica, depositam a confiança e seu posicionamento. Obviamente essa terceirização do pensamento crítico é explicada historicamente no Brasil, quando o acesso e a qualidade da educação sempre foram precários. Quando criança ouvia minha tia dizer que iria votar em determinado governador do meu Estado porque ele era bonito e tinha os olhos claros. Ela sequer teve a oportunidade de ser alfabetizada quando criança. É mais um caso entre milhões de brasileiros que não tiveram a capacidade crítica desenvolvida e não consegue articular uma leitura de seu contexto social, político e cultural.

Uma consciência mais recente da necessidade de tentar entender as condições de construção do discurso, de saber que este não está descolado de seu contexto sociopolítico, tem conduzido muitos cristãos acreditarem no diálogo respeitoso com outras formas de pensar. O aporte das ciências humanas e sociais pode ser um ganho para esse propósito. Como menciono em outro texto, o diálogo se dá quando “(...) há uma simetria entre os interlocutores, um respeito e valorização mútua de saberes, quando ambos são sujeitos e protagonistas da discussão” (VERAS, 2019, p.180).

Infelizmente o que vemos em nossos dias são ataques que objetivam desqualificar totalmente o discurso contrário. A disposição para o debate é inexistente, pois o diálogo é composto por uma atitude que não contempla o estado do outro de sujeito histórico, que manifesta alguma posição, por mais que seja desprovida de fundamentação aceitável. A dignidade produzida pelo respeito pode ser um instrumento de conexões e pontes, enquanto o contrário pode construir grandes abismos e atitudes hostis.

Na minha caminhada nas ciências sociais, logo percebi que a atitude de humildade e respeito, bem como grande abertura para conhecer outros

discursos, mesmo que me parecessem hostis, foi muito importante para entender e vivenciar esse universo. Com isso tive a oportunidade de estabelecer interlocuções interessantes com indivíduos com orientações sexuais diferentes e outras posições contrárias a um cristão conservador. Construir pontes e isso me deu a possibilidade de acreditar que o debate de ideias pode ser bem mais promissor do que os recorrentes embates violentos dentro da polarização política.

Às vezes paro para pensar quais espaços foram verdadeiramente construídos com a imposição, arbitrariedade e violência, que influência positiva na vida de outros indivíduos tiveram quem por esse caminho optou. Logo chego à conclusão que o maior referencial do cristianismo não precisou pegar em armas, não precisou ser arrogante, mas ouviu e vivenciou os dramas mais profundos da humanidade, dialogou com perspicácia e se fez entender com uma atitude de humildade e compaixão com os que estavam à margem das estruturas sociais e políticas.

O mundo pós-pandemia apresentará grandes desafios e o respeito às diferenças permanecerá na pauta do mundo em que a igreja está inserida. Uma boa fundamentação cristã conduz a igreja a ações de compaixão e tolerância, sem, no entanto, renunciar seus princípios. As pessoas de orientação sexual diferentes do modelo da família tradicional não podem ser banidas da igreja, mas serem alvos do seu amor, os defensores de políticas que afetam diretamente os valores cristãos não devem ser odiados, mas respeitados para que ouçam com respeito o contraponto cristão.

### **Cumprindo a missão com prudência**

Nesse último tópico, abordo uma questão polêmica, mas necessária que é o trabalho missionário cristão entre os grupos indígenas. Ele remonta a chegada dos europeus à América, ocasião em que os interesses políticos e

econômicos eram fortemente legitimados pela fé cristã. Esta deveria se expandir pelos lugares mais longínquos submetendo seus habitantes ao domínio dos colonizadores cristãos. Em nome da fé cristã muitas atrocidades foram cometidas, grupos inteiros foram completamente dizimados.

Entre as primeiras intervenções missionárias no final do século XV e os esforços mais recentes existe um imenso abismo. Se a colonização europeia estava desprovida de toda a discussão que se produz no âmbito da antropologia, as iniciativas missionárias contemporâneas não podem renunciar a sua contribuição na elucidação da diversidade cultural.

A antropologia também surge com propósitos colonialistas, legitimando a dominação europeia sobre suas colônias. As primeiras pesquisas utilizavam os valores culturais dos antropólogos como parâmetro para entender hábitos e costumes dos grupos colonizados, atribuindo-lhes considerável *atraso*. Isso possibilitaria a defesa da ideia de que precisavam se sujeitar aos colonizadores. Inúmeras pesquisas até meados do séc. XX financiadas pelo governo tinha interesses políticos e econômicos, muito embora algumas críticas como a de Franz Boas (1858-1942) tivessem denunciado essa postura etnocêntrica.

A antropologia contemporânea considera esta abordagem colonialista superada, dentro de um processo de constante desconstrução de suas próprias construções teórico-metodológicas. A descolonização do saber, atribuindo grande interesse aos conhecimentos tradicionais, faz com que os grupos pesquisados participem do processo da pesquisa, saindo da condição de objetos para a de sujeitos da pesquisa.

A grande acusação dos antropólogos em relação às intervenções missionárias aos grupos indígenas é de colonialismo, remontando o tempo das primeiras missões assumidamente colonialistas. Eles têm sido uma forte oposição ao movimento missionário entre agrupamentos indígenas com o

argumento do relativismo cultural, que cada cultura tem uma lógica própria que inclui formas de crença particulares. Isso já resultou em inúmeras denúncias e ações na justiça com vistas à retirada de missionários de áreas habitadas por grupos indígenas com a alegação de desrespeito aos costumes e crenças nativas.

Por sua parte, os missionários estão convictos do cumprimento da missão cristã expressa na Bíblia da difusão de sua mensagem em todos os grupos étnicos. Embora haja oposição, é na própria perspectiva antropológica que os missionários têm encontrado instrumentos para uma abordagem mais respeitável, eficiente, contextualizada. É na compreensão de um universo cultural distinto que os missionários têm buscado caminhos de abordagem da mensagem, contrastando-se com modelos impositivos e ininteligíveis aos códigos culturais dos nativos.

Com relação à intervenção da presença missionária, se dão por meio de processos de negociação com os próprios grupos indígenas, ou não teriam autonomia para negar ou aceitar a presença de missionários ou antropólogos? Este também tem na sua presença um tipo de intervenção, mas com códigos diferentes.

A questão da autonomia dos grupos indígenas é um grande argumento antropológico para combater as intervenções estatais com imposições contrárias à posição dos indígenas, privando-os de viver segundo os conhecimentos tradicionais. Conhecer a cosmologia para que tenham autonomia de tomar decisões. Essa autonomia tem sido argumento para que os antropólogos denunciem o trabalho de missionários entre os indígenas?

Não se pode ignorar a grande contribuição das missões cristãs para a saúde, educação, transporte, combate ao alcoolismo, estando presente em lugares que o Estado não chega. Isso é reconhecido por alguns antropólogos, trabalhos de ressocialização de grupos inteiros. A presença de missionários e o desenvolvimento de suas atividades têm sido legitimados pelos grupos com

quem trabalham que de acordo com uma antropologia mais ativista devem ter autonomia para decidir seu destino. Logo por que esta decisão não pode ser a de se tornar cristão?

Como antropólogo, sou totalmente contra abordagens intolerantes e impositivas, sem um estudo cultural sério e uma abordagem do Evangelho contextualizado, com respostas adequadas aos códigos receptores dos nativos. Somente isso fará surgir cristãos conscientes de sua nova fé, ao invés de pessoas assumindo exteriormente uma atitude cristã sem compreender sua essência.

Entendo que a igreja pode dar uma grande contribuição para as lutas indígenas e ao invés de ser vista como destruidora de suas culturas, desenvolver trabalhos linguísticos e de valorização cultural. A atuação de várias instituições missionárias tem sido vista como positivas em diversos contextos. Quando atuei por quase oito anos na região do baixo rio Negro, zona rural do município de Manaus, muitas contribuições sociais foram proporcionadas na área de saúde e educação (VERAS, 2014; 2021) e as portas ficaram abertas pelo bom relacionamento que estabelecemos sempre pautados no respeito e negociação aberta e simétrica do trabalho desenvolvido.

Importante mencionar que um dos motivos de intervenções missionárias bem-sucedidas tem sido a sensibilidade de entender com respeito a lógica dos nativos. O diálogo tem um papel fundamental na construção de estratégias de comunicação e valorização cultural. Sobretudo, ter em mente a autonomia desses povos em viver com base em conhecimentos tradicionais que historicamente foram desenvolvidos para resolver os mais diversos dilemas da existência humana.

Sinto-me muito contente com o atual movimento de capacitação antropológica no meio missionário que tem despertado novos candidatos a terem uma nova perspectiva da complexidade da interculturalidade. Isso será percebido somente no futuro em que ações missionárias mais conscientes e

eficazes farão surgir trabalhos mais sólidos e duradouros, onde os nativos tenderão a serem muito mais acessíveis à medida que suas culturas são valorizadas e potencializadas para a compreensão da mensagem cristã.

### **Considerações finais**

Esse exercício de refletir como entendo as contribuições da minha formação para os desafios contemporâneos da igreja cristã foi extremamente pertinente. Como já mencionei sobre minha trajetória, o teólogo não deixou de existir para que o antropólogo surgisse. Obviamente a teologia foi confrontada com a antropologia e vice-versa, promovendo boas reflexões e a possibilidade de produção de novos conhecimentos a partir da subjetividade que o processo resultou. Conforme expressei em Veras (2014, p.22) o movimento

(...) estaria dentro de um plano do *devir* pesquisador, em que o próprio pesquisador está dentro de um processo de construção de outredade em relação ao pastor, sendo este um agente com outras intervenções. Isso se manifesta na relação com o grupo produzindo atualizações, seja de discursos ou agências. Assumo que o pastor também estava lá neste segundo momento, mas a intervenção era outra e assim como antes estaria igualmente fazendo juízo de valor numa outra perspectiva. Outros interesses estavam em jogo nesta segunda etapa.

A apropriação dos aportes teóricos das ciências humanas e sociais não somente são possíveis como necessários para a igreja estar sempre repensando sua trajetória e atuação. Na medida que estiver disposta a não “demonizar” o *outro*, mas de enxergar como criados a imagem e semelhança de Deus, para quem deve promover dignidade plena, especialmente motivada pelo amor incondicional.

Nesse sentido, deve superar o grande abismo que a separa das contribuições dos cientistas sociais apoiando os pesquisadores cristãos em suas pesquisas que podem ajudar a entender melhor a vida social e as tendências contemporâneas, inclusive apoiando financeiramente. Isso deve ocorrer

sobretudo nas instituições de ensino superior confessionais, onde pesquisadores cristãos tenham carga horária para a produção de novos e inovadores conhecimentos.

Há alguns anos, juntamente com outros cientistas sociais, criamos um grupo para debater questões contemporâneas à luz da fé cristã e dos aportes teórico-metodológicos de nossas áreas de formação. Confesso que me sinto um pouco frustrado por termos avançado tão pouco nesse objetivo. Talvez ainda haja em nosso meio muita resistência às repercussões no âmbito do protestantismo sobre nossas publicações, como já pude perceber em algumas reuniões. Não podemos negar que somos vistos com *outros* tanto na igreja como na academia. Mas a ideia é criar canais de diálogo e pontos de contato com teorias que podem contribuir na compreensão do contexto de atuação que estamos inseridos.

Portanto, esta pode ser uma importante estratégia. Da mesma forma que no meio acadêmico se criam grupos de pesquisa, redes interligadas de pesquisadores sobre temas específicos, a igreja precisa investir em grupos de trabalho se debruçando em temas específicos que contribuam para entender melhor as transformações contemporâneas. E nesse sentido as ciências humanas e sociais pode ser um campo de conhecimento importante para a formação de indivíduos para contribuir.

Isso naturalmente fará surgir cristãos mais engajados criticamente e contribuirá para ações mais respeitadas de diálogo com outras vertentes, dentro de um ambiente de debate de ideias e não de embates violentos. É possível transformar o atual cenário de hostilidade com os contrários num ambiente onde não renuncio minha posição, mas sou capaz de ser respeitoso, humilde, tal qual é possível encontrar no exemplo de Jesus.

Vimos surgir há alguns anos o Conselho de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas (CONPLEI) com a iniciativa e liderança dos próprios



indígenas de vários grupos étnicos. Entre outras questões presentes na sua pauta estão a liberdade religiosa, a autonomia indígena, a luta por seus direitos (POQUIVIQUI, 2021). E algumas parcerias com igrejas tem sido possível para que necessidades básicas como educação e saúde sejam supridas.

A partir desse movimento, temos recebido alunos indígenas na instituição onde atuo a partir da indicação do CONPLEI. A ideia é que após o curso retornem para suas aldeias para atuar junto ao seu povo. Desde 2011 já recebemos 11 indígenas, dos quais 3 já se formaram, sendo dois em enfermagem e um em administração. Importante mencionar que os egressos têm atuado ativamente em suas áreas de formação seja gestão de suas organizações políticas ou de saúde, dando uma importante contribuição. Atualmente temos oito alunos, sendo duas no curso de odontologia, uma no curso de fisioterapia e 5 no curso de enfermagem. A instituição tem ofertado uma bolsa estudos integral e por meio da articulação do CONPLEI junto às igrejas suas necessidades de estadia e alimentação tem sido suprida.

---

109

Além do privilégio de contribuir na formação desses indígenas, temos tido a oportunidade de aprender a partir de suas experiências de vida em contextos culturais distintos por meio de pesquisas a partir do Núcleo de Estudos sobre Culturas e Etnodesenvolvimento (NECE). Temos o alvo de alcançar as populações tradicionais de nosso país, incluindo quilombolas e ciganos, para mencionar outros grupos étnicos com presença expressiva em nosso país, com o tripé acadêmico do ensino, pesquisa e extensão. Entendemos que isso pode ser extremamente útil para intervenções cristãs mais efetivas, sólidas e promissoras.

Outra importante iniciativa é apoiar pesquisas que visam levantamentos importantes de dados sobre os agrupamentos humanos em que atuam ou desejam atuar. Será que todas as igrejas desenvolvem pesquisas étnico-sociais sobre as comunidades ou os povos que desejam alcançar? Em Lidório (2018) é

possível encontrar um método muito interessante para atuação em contextos urbanos. O método *urbanus* elaborado por esse antropólogo cristão propõe a utilização da abordagem etnográfica do campo em questão com elementos quantitativos e qualitativos. Outro método elaborado por este autor para a atuação em contextos de interculturalidade é o *antropos*, que pode ser encontrado na obra “Comunicação e cultura” (LIDÓRIO, 2014). Utilizando aportes das ciências sociais pesquisadas como essas podem fornecer um excelente diagnóstico histórico, social, político, econômico, cultural e religioso do contexto urbano que pretendem atuar. Isso pode contribuir para entender melhor as manifestações socioculturais e a construção de estratégias de relacionamento e negociação de perspectivas.

Por fim, a igreja não deixará de investir no cumprimento daquilo que acredita que é sua missão, independente de oposições políticas e acadêmicas. Contudo, pode ajustar sua intervenção para negociar melhor sua atuação com os grupos com os quais atua, conhecidos na literatura etnológica como nativos, como tentei demonstrar em Veras (2021, p. 46),

Essa disposição de entender a perspectiva desses grupos pode ser fundamental para a transmissão de qualquer conteúdo, pois a tentação de quando se inicia uma relação é acreditar na falsa ideia de que já se conhece, a partir das informações que se adquiriu previamente sobre determinado grupo. Porém, já se inicia de forma equivocada, quando não se dar a oportunidade de conhecer e ser conhecido, quando não se estabelece o diálogo. E para isso é imprescindível que haja simetria, uma compreensão da legitimidade das ideias do outro, para que a mensagem transmitida alcance o seu universo sociocultural.

A partir de uma abordagem que valoriza os conhecimentos locais, com a utilização de aportes antropológicos, a igreja poderá ser um grande instrumento de transformação social e promoção de justiça e dignidade humana. Mas para isso, precisa sair da zona de conforto e se lançar numa zona de coragem, como define Sérgio Mena Barreto (2008) quando se tem a necessidade de dar passos importantes para ser relevante e fazer a diferença.

Precisa usar os recursos que tem a disposição e usar sem reservas a linguagem mais profunda, verdadeira e plena que é o amor.

### **Bibliografia:**

BERGER, Peter Ludwig. (1985). *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas.

CRAPANZANO, Vicent. (1991). Diálogos. *Anuário Antropológico 88*. Brasília: UnB/Tempo Brasileiro.

FOUCAULT, Michel. (2014). **As palavras e as coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas**. 2.ed. Lisboa: Edições 70.

GUBERT, Paulo Gilberto et al. (2019). Pessoa, dignidade e Direito. In: **Antropologia Teológica e direitos humanos** [Recurso Eletrônico]. Porto Alegre: Sagah.

LIDÓRIO, Ronaldo. (2011). **Introdução a antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova.

LIDÓRIO, Ronaldo. (2014). **Comunicação e cultura – a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias em contexto transcultural**. São Paulo: Vida Nova.

LIDÓRIO, Ronaldo. (2018). **Plantando igrejas**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã.

LIDÓRIO, Ronaldo. De quem é o evangelho? (2017). **Ultimato online**. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/de-quem-e-o-evangelho>. Acesso em 27 abr. 2021.

MENA BARRETO, Sérgio. (2008). **Zona de coragem**. São Paulo: Ideia & Ação.

POQUIVIQUI, Ricardo. Conselho Nacional de Líderes Evangélicos Indígenas. In: BURNS, Barbara; LITZ, Thomaz (org.). (2021). **Indígenas do Nordeste: história, identidade e evangelho**. Curitiba: Esperança.

TURNER, Victor. (2008). **Dramas, campos e metáforas – Ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Editora da UFF.

VERAS, Marcos Flávio Portela. (2014). **Alteridades, agências e intervenções sociais – o caso de Nova Esperança**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

VERAS, Marcos Flávio Portela. (2019). **Entre a fixação e mobilidade – um estudo das percepções territoriais de agrupamentos indígenas e não indígenas e das intervenções estatísticas no Rio Cuieiras (Baixo Rio Negro)**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Manaus: Universidade Federal do Amazonas.

VERAS, Marcos Flávio Portela. (2021). Encontros e desencontros de saberes: os direitos indígenas e interdisciplinaridade na trajetória acadêmica. In: BANDEIRA, Áurea Marchetti et al. **Direito e Interdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lumem Juris.

VERAS, Marcos Flávio Portela. (2021). Preconceito, alteridade e (in)visibilidade: uma abordagem antropológica dos índios do Nordeste. In: BURNS, Barbara; LITZ, Thomaz (org.). **Indígenas do Nordeste: história, identidade e evangelho**. Curitiba: Esperança, 2021.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. (2012). **Inteligência espiritual: aprenda a desenvolver a inteligência que faz a diferença**. São Paulo: Viva Livros.